

## Elementos de uma leitura do Livro das Lamentações

ERACLIDES REIS PIMENTA<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse exercício científico estudou o livro das Lamentações. Nesta análise exegética e hermenêutica sobressaiu o que realmente é “lamentar” em sentido bíblico. Ao mesmo tempo, que o lamentar deve ser conteúdo da oração pessoal e comunitária e elemento próprio do anúncio e da denúncia profética por ser prolongamento da fé e esperança.

**Palavras-chave:** Lamentações; Exegese; Hermenêutica.

**Abstract:** this scientific exercise studied the book of Lamentations. In this exegetical and hermeneutic analysis what really is “to lament”, in biblical sense, stood out. At the same time, that the lament must be content of personal and community prayer and an element of its own in the announcement and prophetic denouncement due to being the prolongation of faith and hope.

**Keywords:** Lamentations; Exegesis; Hermeneutic.

---

1. Licenciado em filosofia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – campus Lorena e bacharel em teologia pelo mesmo centro universitário – campus Pio XI, São Paulo. Presbítero Salesiano de Dom Bosco.

## Introdução

Um ponto de partida na motivação da nossa pesquisa sobre o livro das Lamentações<sup>2</sup> está na afirmação do escritor sagrado: “Eu sou o homem que conheceu a miséria sob a vara do furor” (Lm 3,1). Afirmamos isso porque uma das principais exigências do profetismo bíblico é o profundo envolvimento com aqueles a quem é destinada a profecia. O personagem se apresenta como alguém experimentado na dor e no sofrimento.<sup>3</sup>

No texto hebraico, o verbo - **ראַה** - *raah* tem muita importância, tanto é que as edições das bíblias o traduzem como: *provar, conhecer, ver*. Além disso, é importante notar o emprego do mesmo verbo na narrativa do encontro de IAHWEH com Moisés na *Sarça ardente*, conforme Ex 3,7. Essa proximidade do Senhor torna o povo de Israel uma gente sensível, apresentando-se por vezes direta e objetivamente diante do mesmo Senhor para “dialogar”, ainda que seja para lamentar.

Para a organização e desenvolvimento do nosso texto, privilegiamos maior dedicação na leitura do terceiro capítulo/poema das Lamentações. Nesse capítulo sobressai certo “tom pessoal” nas expressões do escritor sagrado. Logicamente, somos conscientes de que o *eu* dos textos bíblicos tem conotação coletiva.

A improbabilidade da mesma autoria (ou autorias) da profecia de Jeremias ser a do livro das Lamentações não anula o tom profético desse texto. Por isso, no primeiro tópico do nosso trabalho nos dedicamos a identificar ao menos um aspecto semelhante na linguagem de um versículo de Jeremias com outro das Lamentações.

2. Milton Schwantes, na obra “Sofrimento e esperança no exílio”, oferece pistas interessantes para uma leitura das Lamentações. Um dos tópicos do terceiro capítulo deste livro é intitulado: Lamentações - como jaz solitária a cidade. Segue um trecho da referida obra: “[...] parece que estamos na proximidade de Jeremias. Afinal, a tradição atribuiu as Lamentações ao profeta Jeremias. Em 2 Crônicas 35,25 há indícios nessa direção. Os tradutores gregos do século II atribuíram nossos cinco capítulos a Jeremias. Mas é pouco provável que seja um dado histórico. [...] o conteúdo deste livro não está nada próximo ao profeta de Anatote. As Lamentações situam-se bem antes, nas proximidades de profetas como Adbias” (p. 72)
3. A atribuição da autoria do livro das Lamentações a Jeremias poderia ser explicada por conta da maneira direta do profeta exprimir envolvimento com os sofrendores do seu tempo? Não temos a pretensão de buscar uma resposta a essa pergunta.

O segundo tópico parte da premissa: lamentar “A” Deus, mas não lamentar D’Ele, pois no grito suplicante de um desvalido deve estar uma oração e não apenas uma lamúria de quem se afastou do sentido profundo da fé.

Ligado ao segundo, o terceiro tópico aborda as motivações, o “por quê” do lamento. De onde provém a ousadia do grito clamoroso a IAHWEH? Esse grito não é simplesmente um capricho pessoal. Nele há um fio condutor, a consciência de que a tragédia sob a qual está Jerusalém pode e deve ser superada.

Finalmente, o quarto tópico discute a postura crente do poeta/profeta das Lamentações. A firme esperança do autor sagrado afasta o vazio e o pessimismo para longe. Pois o Senhor mesmo prometeu: “Não temas!”.

## **1. No lamento ecoa a denúncia profética - Lm 3,48-51 / Jr 14,17**

O capítulo terceiro do livro das Lamentações parece apresentar a conformidade antagônica de alguém mediante uma desgraça acontecida. A conformidade não significa a aceitação ingênua do ocorrido. É preciso lembrar que a ruína não foi total, porque a cidade permanece. Contudo, alguém importante foi agredida por tal fato “Meus olhos derramam torrentes de lágrimas por causa da destruição da filha de meu povo. Meus olhos choram e não se estancam, não há sossego, até que IAHWEH olhe e veja dos altos céus. Meus olhos doem-me por causa de todas as filhas de minha cidade” (Lm 3,48-51).

Num primeiro momento identifica-se o singular *filha* e logo em seguida o plural *filhas*. Mas é importante também considerar que quem identifica essa situação se comove, afinal o escritor sagrado afirma: “meus olhos derramam lágrimas, choram, doem-me”. Qual o objetivo dessa vivacidade realista na expressão do autor do texto? Existe aí um apelo profético paterno? Muitos outros questionamentos poderiam ser levantados na hermenêutica desse texto.

Recorremos a uma análise de Marcos Calovi:

O que se pode dizer sobre Lamentações? O cuidado com a forma em que se apresentam os versos e a vivacidade de suas imagens realça os horrores a que aludem. O uso de metáforas que se complementam

e de contraposições poéticas que se sucedem impede a distinção de casos particulares de vítimas, e com isso produz um grito de angústia, dor e horror de amplitude ainda maior [...]. É uma 'obra aberta', possibilitando e desafiando cada leitor a inserir-se e a dar sentido a estes poemas a partir de sua realidade.<sup>4</sup>

Um lamento, cujos elementos são quase idênticos aos do trecho de Lamentações, é encontrado na profecia de Jeremias: "Que os meus olhos derramem lágrimas, noite e dia, e não se tranquilizem, porque a virgem, filha do meu povo, foi ferida" (Jr 14,17). Afirmar que ambos os textos foram escritos pelo mesmo autor é algo extremamente forçoso. Resta-nos considerar o contexto de tais textos.

Embora a datação de Lamentações seja imprecisa, a probabilidade de que tenham sido compostas por volta de 587 a.C., ou mesmo antes da destruição de Jerusalém, permanece muito pertinente.<sup>5</sup>

O povo de Israel, em meio a erros e acertos, manteve laços estreitos entre si. De modo que, como afirma Carson: "o livro de Lamentações nos ajudar a entender a nossa agonia, não apenas por nós mesmo, mas também pelos outros".<sup>6</sup> O tom fúnebre de quem é fortemente acometido pela descarga negativa do mal e da dor, pode levar o leitor a interpretar a necessária solidariedade com aquele que sofre, ao mesmo tempo estimular a assumir um urgente compromisso para mudar a situação.

Profeta é quem não fica indiferente, pois assume como suas as mesmas posturas e atitudes de Deus. Aqui vale lembrar o verbo ao qual nos referimos na introdução: *raah* - provar, conhecer, ver. Por menor que seja a ação para reverter a situação opressora, uma coisa é inegável: *os olhos* do poeta/profeta alcançaram uma realidade como-vedora. Eis o envolvimento com os sofredores: a denúncia de um mal; uma atitude profética.

4. Marcos CALOVI, "Lamentações - uma introdução", in RIBLA 52 (2009), p. 146-147.

5. Cf. Introdução a lamentações, in BÍBLIA - A Bíblia de Jerusalém, 2002.

6. D. A. CARSON *Comentário bíblico: Vida Nova*, 2009, p. 1071.

## 2. Na oração “lamentar A Deus” nunca “lamentar-se d'Ele” - Lm 3, 37-41

Desde as primeiras experiências no deserto, Israel peregrino para a Terra Prometida foi marcado por diferentes formas de lamento, inclusive contra o Senhor ou contra suas obras. Esse tipo de lamento foi duramente reprovado. Por exemplo, quando o povo lamenta, murmurando contra IAHWEH e contra Moisés: “Por que nos fizeste subir do Egito... não há pão, nem água; estamos enfasiados deste alimento” (Nm 21,5), o resultado se manifesta no aparecimento das serpentes mortíferas, mandadas pelo próprio Deus, conforme podemos conferir na sequência do livro dos Números.

Essa não parece ser a atitude do autor das Lamentações - queixar-se contra o Senhor -, o qual se reconhece necessitado e também pecador: “Quem fala e as coisas acontecem? Não é o Senhor quem decide? Não é da boca do Altíssimo que saem os males e os bens? Por que se queixa o homem, o homem que vive apesar de seus pecados? Examinemos nossos caminhos, exploremo-los e voltemos a IAHWEH. Elevemos nosso coração e nossas mãos para o Deus que está nos céus” (Lm 3,37-41).

É preciso falar A Deus dos seus sentimentos, preocupações, frustrações, desânimos, medos e incertezas, confiante de que Ele escuta, atende e faz companhia a partir do mais íntimo do coração. Matthew Henry ao comentar as Lamentações lembra que a prece exige “presença do coração”. Noutras palavras, *na oração deve estar o coração e todo o ser de quem ora.*<sup>7</sup>

O lamento “A” Deus naturalmente é por Ele entendido e acolhido como prece. São inúmeras as formas de oração desenvolvidas na perspectiva do pedido, da súplica, do clamor, até mesmo do grito do injustamente ferido. Nessa esteira, a própria oração do *Pai nosso* apresenta certos “lamentos”, ao ponto de suplicar: “Perdoa-nos as nossas dívidas” (Mt 6,12).

Outro aspecto interessante do lamento A Deus está na “vazão” dada aos sentimentos com maior intensidade. O autor/poeta logo após questionar-se sobre a grandiosidade do Senhor, continua

---

7. Cf. Matthew HENRY, *Comentário Bíblico*, 2002, p. 646.

sua prece com uma interrogação sobre si mesmo e sua condição de pecador: “Por que se queixa o homem, o homem que vive apesar de seus pecados?”. Nisso está algo essencial, diríamos divino, concedido ao ser humano: a consciência de seu estado e condição. Segundo Russell Champlin, “[...] o autor sagrado mostrou que nenhuma coisa boa necessariamente perdura para sempre. Reversões trágicas podem destruir até mesmo as melhores e mais excelentes coisas, se permitirmos que o pecado venha maculá-las”<sup>8</sup>.

O texto das Lamentações é do período exílico, o tempo mais crítico e difícil para o povo de Israel. A sensibilidade judaica (e igualmente a sensibilidade cristã) para com os que mais sofrem, e por isso lamentam A Deus sua situação, também deve se interessar pelas raízes, pelos motivos do sofrimento. E como afirma Carlos Mesters: “É difícil fazer hoje uma ideia do desespero que se apoderou do povo naquela situação”<sup>9</sup>. Para o povo a quem foi prometida a presença próxima do *Deus dos deuses*, aquela tragédia provocava de certa maneira grande oportunidade de retorno ao seu único e maior refúgio, o próprio Senhor IAHWEH.

Mais uma vez o povo da Aliança tem a oportunidade de agarrar-se à sua única segurança, o seu Deus. Não é hora de lamentar-se d’Ele. Trata-se de um clamor, de um choro carregado de sentido e confiança na misericórdia divina. Nesse sentido, podemos afirmar que as Lamentações são expressão de fé.

### 3. Na memória o porquê do lamento - Lm 2,9-12

Trágica é a ruína de Israel causada pelos babilônios, mais trágico ainda é a intensa consequência desse evento para Jerusalém. Na cidade do Senhor é possível verificar o ápice do horror. Impossível ao homem e à mulher, habitantes da desolada Sião, permanecerem mudos mediante tal desolação. Assim, no segundo capítulo/poema das Lamentações o poeta/profeta expõe pormenorizadamente a situação da santa cidade. A sequência de versículos do nosso recorte ilustra o drama

---

8. Russell Norman CHAMPLIN, *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo*, 2000, p. 3170.

9. Carlos MESTERS, *O Profeta Jeremias: Boca de Deus, boca do povo*, 1992, p. 99.

Por terra derrubou suas portas, destruiu e quebrou seus ferrolhos; seu **rei** e seus **príncipes** estão entre os pagãos: não há Lei! E seus **profetas** já não recebem visão de IAHWEH.

Estão sentados por terra, silenciosos os **anciãos** da filha de Sião, lançam pó sobre sua cabeça, revestidos de sacos; humilham até à terra sua cabeça as virgens de Jerusalém.

De lágrimas consomem-se os meus olhos, de tremor minhas entranhas, por terra derrama-se o meu fígado por causa da ruína da filha de meu povo, enquanto pelas ruas da cidade desfalecem **meninos** e **lactentes**.

Perguntam às suas mães: **‘Onde há pão?’** Enquanto, como feridos, desfalecem pelas ruas da Cidade, exalando sua vida no regaço de sua mãe (Lm 2, 9-12)<sup>10</sup>.

O desenvolvimento desse capítulo mostra a coragem de quem de peito aberto questiona o Senhor: “Vê, IAHWEH, e considera: a quem trataste assim?” (Lm 2,20a). É como se o autor orante, em ato de sumo realismo afirmasse: “Não posso ficar calado! Não quero aceitar o que presencio! Perdemos nossas posses e o que nos resta está definhando! Tal carga de sofrimento é demais.” Impossível a dupla destruição - da Cidade e do que resta de seus habitantes - ficar ausente da oração dos crentes. Marcos Calovi afirma que: “ao colocar a dor diante de Deus na forma de sua expressão extrema, pretende-se provocar uma reação divina, ainda que esta solicitação possa apenas ser inferida”.<sup>11</sup>

A memória é vivaz, nela é latente o *porquê* do lamento. Segundo Milton Schwantes, as Lamentações são próximas ao apogeu do exílio: “poderíamos dizer que os textos correspondem à situação em torno de 580”.<sup>12</sup> O mesmo autor levanta a possibilidade de que “ao dar testemunho da justiça divina, nossos cantores se mostram aprendizes dos profetas”.<sup>13</sup>

O rei, os príncipes, os profetas, símbolos fortes da unidade na-

10. Escolhemos destacar algumas palavras para facilitar a visualização da leitura hermenêutica a ser desenvolvida nesse tópico do trabalho.

11. Marcos CALOVI, *Lamentações - uma introdução*, 2009, p. 142.

12. Milton SCHWANTES, *Sufrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a. C.*, 2007, p. 73.

13. *Idem*, p. 76.

cional já não “existem”, e o pior, os mais fracos, os anciãos, os meninos, nem mesmo as lactentes foram poupadas.

Na descrição da dor, o **sofrimento humano** ocupa largo espaço. Os velhos estão abandonados nas ruas desertas. As mulheres são viúvas abandonadas. As crianças gemem de fome. Foragidos são impiedosamente perseguidos, caçados. A vida está permeada de morte. Essa é a tônica das Lamentações. [...] O todo do livro transpira uma atmosfera de morte e decomposição. O cativo é uma catástrofe para quem foi deportado. E é uma sepultura para quem ficou. À luz das Lamentações, exilados e remanescentes são irmãos gêmeos do infortúnio.<sup>14</sup>

Lamentar é oportunidade de aumentar a sensibilidade e desse modo dar largas à busca de conversão/arrependimento. Mas é preciso estar atento para que tal lamento não seja apenas cumprimento de ritos e costumes. Façamos um confronto. A profecia de Zacarias 7,1-14 apresenta pedagogicamente um caminho.<sup>15</sup> O oficial Betel-Sarasar envia uma delegação aos sacerdotes para consultá-los se devem lamentar a situação de Jerusalém, como era o costume, inclusive numa data marcada. Pelo visto havia a prescrição de cumprimento desse rito. Pela boca do profeta o Senhor exige um rito a ser vivenciado além das assembleias litúrgicas: “Fazei um julgamento verdadeiro, praticai o amor e a misericórdia, cada um com o seu irmão. Não oprimeis a viúva, o órfão, o estrangeiro e o pobre, não trameis o mal em vossos corações, um contra o outro” (Zc 7,9b-10).

Em Jerusalém acontecia algo tão abominável quanto a desgraça da devastação babilônica? O poeta/profeta seria testemunha da exploração dos sobreviventes do massacre por parte de seus próprios conterrâneos?

#### **4. A esperança de quem lamenta, mas conserva a fé - Lm 3,55-60; 5,19-22**

Nesse tópico da nossa pesquisa abordamos um pouco mais so-

---

14. *Idem*, p. 75 (grifo nosso).

15. O referido texto faz alusão às liturgias penitenciais de Jerusalém nos anos imediatamente posteriores à destruição do Templo em 587 a.C., conforme nota na *Bíblia de Jerusalém*.

bre as virtudes da esperança e da fé, chamadas teológicas na Tradição. Aqui consideremos preliminarmente a postura do salmista que afirma: “Esperei ansiosamente por IAHWEH; ele se inclinou para mim e ouviu o meu grito” (Sl 39[40] 2).

Para avançarmos na leitura do texto das Lamentações selecionamos dois trechos do livro: 3,55-60 e 5,19-22. Nesses trechos é possível identificar que, a fé de Israel exige confiança inquestionável na capacidade do seu Deus em intervir e transformar as situações, inclusive afirmando que Sua atuação já foi provada e sentida em outros momentos da história. Tanto é que os verbos são apresentados no passado e no presente

Eu invoquei teu nome, IAHWEH, do mais profundo do fosso. Ouviste o meu grito, não feches teus ouvidos à minha oração, a meu apelo. Aproximaste-te no dia em que eu te invoquei, disseste: ‘Não temas!’ Defendeste, Senhor, a minha causa, redimiste a minha vida. Viste, IAHWEH, dano que me é feito: julga o meu direito! Viste toda a sua vingança, todas as suas maquinações contra mim (Lm 3,55-60).

Mas tu, IAHWEH, permaneces para sempre; teu trono subsiste de geração em geração. Por que nos esquecerias para sempre, nos abandonarias até o fim dos dias? Faze-nos voltar a ti, IAHWEH, e voltaremos. Renova nossos dias como outrora. Ou será que nos rejeitastes totalmente, irritado, sem medida, contra nós? (Lm 5,19-22).

São palavras de pessoas e grupos provados na relação. Trata-se de gente que sentiu outrora a força da ação do Senhor em situações igualmente difíceis. Segundo Russell Champlin, entre os propósitos teológicos das Lamentações encontra-se o encontro com a justiça de Deus. Por maior que seja a severidade do Senhor, a indiferença não faz parte da sua postura. Afirma o autor: “A nação de Judá foi convocada ao arrependimento, visto que o mesmo poder que produziu a destruição com igual facilidade poderia conduzir a restauração”. E ainda insiste

A esperança nunca morre no coração humano. Grandes tragédias sobrevêm a pessoas insensatas. Mas essas mesmas pessoas, se agirem sabiamente, poderão contemplar a concretização de suas esperanças de melhoria, quando seu triste estado for revertido pela misericórdia divina. [...] a esperança de que Deus ainda restauraria um

povo arrependido e humilhado percorre o livro inteiro.<sup>16</sup>

Israel entende que obedecer a IAHWEH assegura os benefícios necessários para sua existência e subsistência.

Nos versículos do capítulo terceiro encontramos certa semelhança do povo macerado com o profeta Jeremias atirado no fundo do poço injustamente (Jr 38,6). O profeta Jeremias e o poeta das Lamentações explicitam sua fé e esperança em Deus que pode agir salvando-os, inclusive da obscuridade da solidão. O Senhor se faz próximo e diz: “Não temas!”.

O comentarista D. Carson avança na interpretação deste capítulo das Lamentações, identificando-o com os escritos do Trito Isaías 52,13-53,12. Afirmar Carson, “Não é por acaso que o livramento do povo, prometido nos v. 22-30, envolveu o sofrimento de uma pessoa que tomou o seu lugar. Há grande pungência no fato de que o poeta (ou profeta) sofredor suportava, por assim dizer, as angústias do povo, mesmo quando sofria nas mãos deste”.<sup>17</sup>

Seguindo o raciocínio do mesmo autor,<sup>18</sup> entendemos que os poemas das Lamentações são concluídos afastando as notas de desespero, incertezas ou dúvidas quanto ao agir do Senhor. O novo compromisso com Deus será resultado da volta a Ele. Pode ser que alguns entendam a volta D’Ele. De qualquer forma, a postura de reconhecimento da grandeza de IAHWEH, como que eleva a dignidade do próprio povo. Rememorar que o Senhor permanece no seu trono é algo sublime para os que se reconhecem governados por tão excelso “Líder”.

## Conclusão

As Lamentações podem ser denominadas quase que a reunião de um estilo literário. Logicamente, nos esforçamos para aqui apresentar ao menos três lições da leitura dos lamentos pós-exílicos de Israel.

A escuridão desoladora que se abateu sobre Jerusalém foi opor-

16. Russell Norman CHAMPLIN, *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo*, 2000, p. 3169 - 3170.

17. D. A. CARSON, *Comentário bíblico: Vida Nova*, 2009, p. 1076.

18. *Idem*, p. 1078.

tunidade para se perceber a força de Deus, mesmo sem as “garantias” do poder monárquico inaugurado com Davi. Era preciso levantar a cabeça e procurar as chances e possibilidades de uma vida diferente, sem minimizar a dor e o sofrimento das pessoas. Nisso, uma das maneiras mais bonitas para ilustrar a conversão de Jerusalém pode ser a busca do horizonte onde desponta a luz. Assim lemos no penúltimo versículo dos poemas: “Renova os nossos dias como outrora” (Lm 5,21).

O processo vivido por Israel no período exílico revelou a capacidade profética da resiliência, pessoal e comunitária, por meio do qual se entendeu que Deus não volta atrás. IAHWEH nunca mudou, Ele jamais variou, segundo a promessa feita aos primeiros pais e mães. Sua Aliança é irrevogável. Essa certeza, de certa forma permitiu ao poeta/profeta gritar, lamentar a “plenos pulmões”, sabendo que o seu Deus não se ofenderia com sua atitude. Quem age assim é livre e corajoso. Sabe do que o Senhor é capaz.

Uma última lição aprendida com as Lamentações pode iluminar certa necessidade premente na atualidade, a falta de solidariedade. O canto fúnebre do autor sagrado, em momento algum fica preso a uma dinâmica intimista ou subjetivista. Trata-se de uma conduta objetiva diante da situação sociocomunitária. O povo, desde crianças até anciãos, foi e continua golpeado por diversas mazelas. Jerusalém merece ser reerguida, seu povo precisa ser resgatado da sub-humanidade, por isso a voz a ecoar nas Lamentações sintetiza o contexto vivido na Cidade Santa.

A começar pelo interior das organizações eclesiais, oxalá nos tempos hodiernos levantem-se vozes “**profético-lamentadoras**”, capazes de fazer tremer a razão e o coração dos cristãos, cidadãos e cidadãs, sobretudo daqueles e daquelas a quem é confiado o governo da administração pública.

## Referências

- BÍBLIA - A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.  
CALOVI, Marcos. “Lamentações - uma introdução”. In *RIBLA* 52 (2209), Petrópolis, p. 140-147.  
CARSON, D. A. *Comentário bíblico: Vida Nova*. São Paulo: Vida

Nova, 2009.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2000.

HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2002.

MESTERS, Carlos. *O Profeta Jeremias: Boca de Deus, boca do povo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Paulo: Paulinas, 2007. (Col. Teologia Bíblica).